

Breves reflexões sobre o ensino em tempos de pandemia

Rachel Esteves Lima

O futuro da presença necessita do nosso compromisso presente.¹

Live. Essa é, sem dúvida, a palavra da hora. Desde que se iniciou o processo de isolamento social em decorrência da pandemia, há *lives* para todos os gostos: shows musicais, apresentações de teatro, programas de humor, palestras, debates, etc. Certamente elas cumprem uma função importante para aqueles que estão confinados em suas casas, seja no que diz respeito à recreação, quanto ao aproveitamento do tempo para o seu aperfeiçoamento profissional. Mas talvez elas deem vazão, principalmente, a um desejo de estar em comunidade, partilhando junto com outras pessoas uma experiência que, em algum nível, simule uma sensação de que tudo segue seu curso normal, que estar vivo e ao vivo é possível, de que podemos conjurar a morte que nos ameaça tão profundamente nesse momento. Não à toa, em nosso campo de atuação o que mais ouvimos como justificativa para a realização das *lives* que vêm acontecendo desde o mês de março deste ano é o fato de que precisamos mostrar que a universidade está viva. Ou seja, temos que nos fazer visíveis e em atividade o tempo todo para que sejam desacreditados todos os discursos maliciosos que querem fazer crer que a educação superior não passa da transmissão de alguns “conteúdos”, palavrinha que sempre abominei no nosso sistema escolar. No entanto, por vezes fico me perguntando se a resposta que estamos dando não seria, em parte, um reforço da ideia de que a atividade intelectual se limita à exposição dos conhecimentos que construímos ao longo de nossa vida profissional. No meu entendimento, por mais que possamos nos fazer presentes em meios virtuais, é impossível neles dar a ver o que é realmente a vida universitária, que, mesmo com toda a burocratização a que vem sendo submetida ultimamente, ainda pressupõe uma experiência diversa com o tempo e uma interação com os alunos e com os colegas cuja intensidade é impossível de ser conseguida diante de uma tela.

Não, não estou sendo reativa às novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente num momento em que elas são necessariamente o único meio de contato com as pessoas que muitos de nós – principalmente os que moram sozinhos, como eu – têm à disposição. E os que me conhecem sabem o quanto sempre me fiz presente nas redes sociais, buscando usá-las, principalmente, como instrumento de reverberação das posições políticas em que acredito. Mas, depois de ter me jogado de forma desmedida no universo digital no começo desse período de confinamento, começo agora a perceber mais claramente suas limitações. Se, por um lado, ele me permite obter informações, aceder a novos conhecimentos e fugir ao isolamento total, constituindo-se em um espaço para tentar manter o espírito gregário que sempre me foi característico, por meio da participação em reuniões e conversas com amigos, parentes, colegas e alunos, por outro, sinto que esse tipo de meio realmente leva a um esgotamento físico e psicológico. Começo a crer que, ainda que pareça excessivamente apocalíptico, Byung-Chul Han tem alguma razão ao destacar que do surgimento do *homo digitalis* resulta, inicialmente, a atrofia das mãos, instrumento necessário ao agir, e, posteriormente, como venho dolorosamente vivenciando, a artrose dos dedos². O filósofo lembra que é impossível à mídia digital promover a tatilidade e a corporeidade que conformam “a pluridimensionalidade e multiplicidade de camadas da percepção humana, da qual fazem parte não apenas o visual,

¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*, p. 163.

² HAN, Byung-Chul. *No exame*, p. 63.

mas também outros sentidos”³ no processo de comunicação. Talvez se deva ao inútil esforço de superar essa dificuldade o cansaço que sentimos após o término de uma reunião, aula ou sessão de orientação realizadas *on line*. O filósofo coreano observa ainda que essa sensação de esgotamento explica-se também pelo fato de que, na atualidade, quando a comunicação se dá principalmente por meios virtuais, o predomínio da lógica neoliberal impõe uma autocobrança pelo desempenho que leva o trabalhador a não dissociar mais o tempo de trabalho do tempo da vida. Escravos de nós mesmos, somos prisioneiros da sensação de que nunca fazemos o suficiente, apesar de nunca nos distanciarmos, de fato, do trabalho. Não dispomos mais de tempo para o ócio e, com isso, cai a nossa capacidade criativa, tão indispensável ao bem-viver, e não apenas a dos intelectuais.

Em outro pequeno livro, intitulado *A sociedade do cansaço*, recorrendo ao sociólogo Alain Eherenberg, Han situa a depressão na passagem da sociedade disciplinar, tal como teorizada por Michel Foucault, à sociedade de desempenho. A síndrome de *burnout*, ou síndrome do esgotamento profissional, seria, portanto, uma doença resultante do processo de autoexploração⁴, de uma pressão que, na atual configuração do mundo do trabalho, o sujeito se impõe permanentemente para se superar. Para piorar um pouco o quadro, esse cansaço, segundo o autor, é “um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando”⁵, mesmo com todas as tecnologias de comunicação à disposição. Creio não estar enganada em associar essa interpretação ao que estamos vendo todos os dias na vida acadêmica. É preocupante o crescimento do número de casos de depressão em nosso meio, especialmente entre os alunos de pós-graduação, que, em plena juventude, já se sentem tão extenuados e incapazes de cumprir suas responsabilidades em relação às tarefas e aos prazos a que são submetidos por um sistema de educação que se vê cada vez mais prisioneiro do produtivismo.

Dentre as experiências mais gratificantes que vivencio na universidade, destaco as reuniões realizadas semanalmente com meu grupo de pesquisa justamente porque nelas não precisamos nos restringir a um limite de tempo para poder encerrar a discussão. Normalmente, nelas estudamos um texto escolhido para subsidiar os projetos de investigação sobre a cultura contemporânea e o que mais nos interessa é a articulação do que lemos com os problemas do presente. Assim que começou a quarentena, achei melhor manter o contato com os orientandos por meio de reuniões virtuais e, com o objetivo de estudar o conceito de estado de exceção, escolhi para discussão o célebre ensaio “Sobre o conceito de história”⁶, antes de iniciarmos a leitura do livro de Giorgio Agamben⁷, fundamental para a compreensão das obras que os alunos do PIBIC e da pós-graduação estão analisando. Já perdi a conta de quantas vezes li esse texto, mas agora resolvemos fazê-lo a partir do livro de Michael Löwy, *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, no qual o autor promove uma leitura exegética sobre as teses, detendo-se pormenorizadamente em cada uma delas. É de conhecimento geral que o filósofo alemão escreveu-as em 1939, um ano antes de suicidar-se, e nelas apresenta uma concepção antipositivista da história, denunciando, ainda antes de tomar conhecimento dos campos de concentração, a modernidade do fascismo, a função opressora da técnica na sociedade industrial, responsável por instaurar o domínio da repetição mecânica, o reino do “sempre-igual”. Creio que demoramos umas cinco ou seis sessões vespertinas para discutir o livro, justamente por buscarmos fugir do automatismo das leituras resenhísticas, abrindo um espaço para, de fato, analisarmos a “história a contrapelo”, num esforço de construção de

³ Ibidem, p. 44.

⁴ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*, p. 97.

⁵ Ibidem, p. 71.

⁶ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 222-232.

⁷ AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*.

analogias entre o período histórico que precedeu a Segunda Guerra Mundial e o nosso presente, caracterizado pelo ressurgimento dos regimes de extrema direita e pela destruição do meio ambiente e suas severas consequências, ainda mais explícitas no atual momento pandêmico. Löwy associa o texto benjaminiano à concepção de Nietzsche segundo a qual “a história é útil apenas quando serve para a vida e para a ação”⁸ e isso nos inspira a sempre dirigir nossas leituras para alcançarmos uma compreensão que nos auxilie a melhor intervir no mundo em que vivemos.

Se a técnica, nas teses de “Sobre o conceito de história”, é associada à destruição, paradoxalmente, nos encontros que realizamos via internet, constitui-se no único instrumento que no momento nos permite realizar o nosso trabalho em coletividade. E sinto que é justamente nesse momento em que o fluxo de nossa vida cotidiana foi interrompido pelo isolamento e pelos cuidados para se evitar o contágio com a Covid-19 que nossas reflexões têm sido mais despreocupadas em relação ao limite de tempo para o desenvolvimento de nossas interpretações. É como se esse entretanto pudesse ser pensado como momentos de ócio que criam um interregno em relação às atividades que desenvolvíamos, às vezes mecanicamente, em nosso cotidiano pré-pandemia, propiciando-nos um espaço para vivenciar as perambulações do pensamento indispensáveis ao processo de construção de sentido. Noto, contudo, que o número de alunos que frequentam as reuniões virtuais é significativamente menor do que os que enchiam a nossa sala no Instituto de Letras da UFBA. Não sei se isso se deve à dificuldade de concentração decorrente da ansiedade sentida frente aos riscos das perdas humanas e materiais com que todos nós temos de lidar nesse momento. Talvez seja, em alguns casos, um reflexo de condições desfavoráveis ao acesso a uma internet de qualidade. Ou, quem sabe se, por estarem tão acostumados à lógica fragmentária e veloz que caracteriza a hipertextualidade dos novos meios de comunicação de massa, apresentem, inconscientemente, uma resistência em permitir que eles sejam invadidos pelo tédio que ronda nossas reuniões e que, como dizia Benjamin, “é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência”⁹. Seja como for, é da pobreza¹⁰ que se trata e, sem dúvida, ela deve ser levada em conta agora que as universidades estão se decidindo pelo retorno às atividades de ensino, em regime de Educação a Distância.

Há cerca de dois meses, Agamben publicou um artigo¹¹ que é um verdadeiro libelo contra a retomada das atividades das universidades em meio virtual. O filósofo chega a comparar os professores que concordarem com o uso exclusivo da tecnologia digital para dar continuidade às aulas, suspensas para se evitar o contágio pela Covid-19, aos docentes que, em 1931, aderiram ao fascismo. As polêmicas posições do filósofo desde o início da pandemia têm sido objeto de discussão por vários pensadores e, também no Brasil, causou muito mal-estar¹². Evidentemente, considero exageradas as suas palavras. A partir dos argumentos do jurista Pedro Serrano, penso ser possível concluir que os controles instituídos pelos governos para evitar a propagação do vírus não podem ser vistos, no momento atual, como instrumentos de instauração do estado de exceção. Segundo o autor, desde que previstos pelas normas legais de cada país, seria mais correto considerar tais

⁸ LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, p. 108.

⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p.204.

¹⁰ Cf. o ensaio “Experiência e pobreza”, no qual Benjamin associa o empobrecimento da experiência e, conseqüentemente, da capacidade de narrar, às vivências de choque na modernidade. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, p. 114-119.

¹¹ AGAMBEN, Giorgio. “Réquiem para os estudantes”.

¹² Cf., por exemplo, o artigo de Yara Frateschi, “Agamben sendo Agamben: o filósofo e a invenção da pandemia” e a réplica e tréplica ao seu texto, publicadas no Dossiê Corona, na página do blog da Boitempo. Alguns dos artigos de Agamben sobre a pandemia foram publicados no e-book *Reflexões sobre a peste*, pela Ed. Boitempo.

controles como inerentes a um estado de legalidade extraordinária, sendo entendidos como “o instrumento por meio do qual o Estado Democrático de Direito responde juridicamente a uma situação de emergência social, de necessidade pública”¹³.

Mesmo partilhando de algumas críticas à forma como Agamben vem buscando enquadrar as medidas de combate à pandemia aos limites da sua teoria sobre o estado de exceção, penso ser necessário, entretanto, estarmos atentos aos riscos inerentes à continuidade dos controles a que estamos nos submetendo em regime de emergência quando a tivermos vencido. No caso específico da universidade, creio que seu “Réquiem para os estudantes” pode ser lido como um alerta que não deve ser desprezado. Afinal, sabemos que não são poucos os interessados em exercer um rigoroso controle ideológico sobre as aulas que ministramos e a auferir ganhos financeiros com a instauração da lógica neoliberal nas instituições públicas de ensino superior¹⁴. Ademais, penso ser necessário preservar o sentido de comunidade universitária e, a meu ver, o filósofo está certo ao associá-la à vida em comum e às relações de amizade e trocas intelectuais que se tecem no convívio entre alunos e professores, nos *campi* e nas cidades em que se situam. Se o professor é, como pretende Gumbrecht, não um mero transmissor de saberes, mas um “catalisador de eventos intelectuais”¹⁵, função que só pode ser exercida em presença, precisamos ficar atentos para não perdermos essa condição para continuarmos cumprindo a contento a nossa tarefa. Talvez Heidegger esteja mesmo certo em considerar que o pensamento é uma atividade manual¹⁶ e, amparando-me na concepção benjaminiana de experiência, seus fios só possam ser tecidos de forma artesanal, em coletividade. Sem essa sociabilidade, até mesmo a universidade pode vir a definhir.

Em entrevista recentemente realizada, o cientista Miguel Nicolelis¹⁷, coordenador do Comitê Científico do Consórcio Nordeste, que orienta as políticas públicas contra a Covid-19 para os estados da região Nordeste, manifestou-se contrário à retomada das aulas enquanto a pandemia não for controlada, lembrando que as pressões pelo retorno ocorrem pela predominância de uma “mentalidade de chão de fábrica” na área da educação, segundo a qual a lógica serial não pode ser abandonada nem diante do risco da morte. Vários dos nossos colegas de profissão que durante a quarentena vêm dando aulas pela internet têm informalmente manifestando sua insatisfação pelos resultados obtidos com os alunos e pela exaustão que estão sentindo. Penso que, diante do perigo a que todos estamos expostos, o melhor seria considerarmos esse intervalo da quarentena como um freio de emergência que nos permitisse pensar alternativas para nos desviarmos da temporalidade homogênea e vazia que querem impor ao nosso trabalho, à nossa vida. Atendendo ao apelo de Agamben e seguindo o exemplo de Bartleby¹⁸, eu preferiria também dizer não e me recusar a transformar a atividade de ensino em uma mera veiculação de ideias previamente formatadas e gravadas. Reconheço o quanto a internet tem sido útil para darmos seguimento aos eventos acadêmicos e reuniões de trabalho, mas, pelos motivos aqui expostos, creio que não deveríamos utilizá-la como substituto da nossa sala de aula. Sei, contudo, que não sou suficientemente forte para reagir às pressões nesse sentido. Mas espero que, pelo menos quando estivermos a salvo, consigamos resistir, evitando transformar o extraordinário em ordinário. Por ora, me contentaria em saber se

¹³ SERRANO, Pedro. *Carta Capital*.

¹⁴ Cf. o artigo de Carolina Catini, “O trabalho de educar numa sociedade sem futuro”, publicado no blog da Ed. Boitempo e a entrevista em vídeo de Daniel Cara, concedida ao site da *Brasil de Fato*.

¹⁵ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*, p. 162.

¹⁶ Apud HAN, Byung-Chul. *No exame*, p. 70.

¹⁷ NICOLELIS, Miguel. Entrevista concedida ao programa Boa Noite 247, em 08 jul. 2020.

¹⁸ MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão*.

seria possível levarmos a sério as palavras de Gumbrecht da epígrafe com que iniciei este texto.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci Poletti. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. Réquiem para os estudantes. Trad. de Davi de Conti. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/599292-requiem-para-os-estudantes-artigo-de-giorgio-agamben?fbclid=IwAR2aYIa-g46xDVR9ndMdoLUfn-EF15p-jliufpMD7OZeyri3-IIH7LIcoNs>. Acesso em 15 jul. 2020.

_____. *Reflexões sobre a peste*. Tradução de Isabela Marcatti. São Paulo: Ed. Boitempo, 2020. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Reflexões-sobre-peste-pandemia-Pandemia-ebook/dp/B088GL8X1S>. Acesso em 15 jul. 2020.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985.

CARA, Daniel. Entrevista ao site *Brasil de Fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/25/esse-vai-ser-um-periodo-mais-do-que-perdido-para-a-educacao-afirma-daniel-cara>. Acesso em 15 jul. 2020.

CATINI, Carolina. O trabalho de educar numa sociedade sem futuro. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/05/o-trabalho-de-educar-numa-sociedade-sem-futuro/>. Acesso em 15 jul. 2020.

FRATESCHI, Yara. Agamben sendo Agamben: o filósofo e a invenção da pandemia. Disponível em Dossiê Corona do Blog da Boitempo: <https://blogdaboitempo.com.br/dossies-tematicos/dossie-coronavirus/>. Acesso em 15 jul. 2020.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2010.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2 ed. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *No ensaio*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão*. 2 ed. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

NICOLELIS, Miguel. Entrevista em vídeo concedida ao programa *Boa Noite 247*, em 08 jul. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QTNX06hyLbY>. Acesso em 15 jul. 2020.

SERRANO, Pedro. É a Ciência, estúpido! *Carta Capital*, 20 maio 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/e-a-ciencia-estupido/>. Acesso em 15 jul. 2020.